

Gênova-Porto Alegre e Durban

p. 11 Direitos Humanos

Tarso Genro

Os direitos prometidos no iluminismo e afirmados pela modernidade estão em revogação pela barbárie neoliberal

Na década de 60, diversos estados americanos aplicavam de forma legal políticas segregacionistas que, na verdade, davam continuidade moderada, já na órbita do Estado democrático de direito, às mesmas políticas racistas da época da escravidão. Elas enseja-

ram até a metade do século passado a formação da elite branca, dominante na vida pública americana.

Em 10 de agosto deste ano a Subcomissão para a Promoção e Proteção dos Direitos Humanos das Nações Unidas adotou, por unanimidade, súmula que reconhece "o direito à indenização, relativamente à violação dos direitos humanos". Essa indenização seria devida às vítimas de todas as violências sociais e econômicas massivas que caracterizaram não só o período da escravatura, mas da época colonial clássica.

Certamente irão surgir, em função da mobilização das comunidades negras, teorias revisionistas sobre a responsabilidade dos próprios negros na escravidão: negros que vendiam ne-

gros, tribos que escravizavam outras tribos e vendiam-nas, negros que participavam como feitores da violência física e da tortura contra comunidades inteiras.

Trata-se essa formulação, teoricamente vazia e insubsistente do ponto de vista moral, do mesmo argumento com que pretendem culpar judeus por não terem reagido nos guetos, ou, por vários deles terem feito acordos com Hitler e seus sequazes. É a tentativa de amortecimento das responsabilidades diretas nos crimes contra a humanidade perpetrados por necessidades econômicas, apontando comportamentos particulares que são transferidos, cinicamente, para uma comunidade vitimizada.

Dois pontos de referência iluminam a crise da pós-modernidade: o Fórum Social Mundial (Gênova-Porto Alegre) e a Conferência contra o Racismo, em Durban. O que o nosso país tem a ver com isso?, poderão perguntar alguns ingênuos, incautos ou racistas. Toda a história brasileira está manchada pela violência racial da escravidão. Pelo *apartheid* social dos negros pobres ou mestiços de ascendência africana, com a indiferença histórica e a cumplicidade das elites. Um dos componentes essenciais de qualquer democracia séria é a criação de condições políticas e insti-

tucionais para que cada cidadão possa vencer sua submissão psicológica, moral e material, para atuar na cena pública ou nas relações privadas com todo o seu potencial de cidadania. É o que não ocorre no Brasil, mesmo que um de seus maiores intelectuais tenha sido um negro: o professor Milton Santos.

Qual a conexão entre Gênova-Porto Alegre e a reunião de Durban? Aparentemente não há, pois as lutas contra o racismo e a discriminação são lutas nos elos avançados da "velha" sociedade moderna. As lutas presentes no Fórum Social Mundial repousam na fragmentação pós-moderna, induzida pelo estilhaçamento da sociedade de classes tradicional, no interior da qual as lutas contra o racismo se realizaram. O Fórum Social é a rebelião dos fragmentos em busca de uma nova utopia, contra um processo que vem suprimindo a exploração em favor da exclusão radical. Exclusão sonadora do próprio direito à sobrevivência de parte da sociedade ou, às vezes, de populações inteiras.

Bem examinados ambos os movimentos, é possível dizer que compõem uma mesma matriz de lutas sociais, cujos programas, ao invés de abordarem as questões econômico-sociais através de demandas diretas de distribuição da renda ou a partir das lutas salariais, abordam todas as diferenças. Inclusive as econômicas entre as classes, como negação dos direitos fundamentais previstos nas Constituições Sociais do Século 20. São direitos sonagados pela financeirização do capital e pela acumulação artificial, via mercados financeiros, que destroem a sociedade de classes anterior e suas instituições públicas, sem repor nada em seu lugar.

Na sociedade fragmentada por uma reciclagem do capitalismo estamos presenciando a rebelião saudavelmente anárquica dos fragmentos em Porto Alegre-Gênova e a retomada das grandes lutas contra o racismo e a discriminação, em Durban, com o mesmo refrão: cumpram os direitos prometidos pela doutrina iluminista e afirmados pelas leis da modernidade, que já estão em processo de revogação pela barbárie neoliberal.

Zaven Paré

